

PRODUÇÃO TEXTUAL: QUANDO A LINGUAGEM ESCRITA SE TORNA OBJETO ESCOLAR

Denise Miyabe da Silva

RESUMO – Introdução: O presente trabalho analisa, por meio de pesquisa longitudinal, a produção textual de crianças da 4ª série do ensino fundamental de uma escola pública do município de Rolândia/PR. **Objetivo:** O objetivo do trabalho foi avaliar a aprendizagem da linguagem escrita na escola e refletir sobre o papel do professor mediador nesse processo. **Método:** Para tanto, foram analisados os primeiros textos do ano letivo que faziam parte de uma avaliação solicitada aos professores pela Secretaria Municipal de Educação com a finalidade de verificar o nível de escrita dos alunos. A análise dos textos prosseguiu durante os meses de abril, maio e junho, a fim de verificar se houve mudanças na escrita das crianças através da mediação do professor. **Conclusão:** A pesquisa permitiu concluir que quase não há mediação do professor no trabalho de escrita dos textos em sala de aula. Para que haja melhora qualitativa na produção textual, é necessária uma mudança na concepção de ensino da linguagem escrita.

UNITERMOS: Redação. Estudos de linguagem. Aprendizagem.

Denise Miyabe da Silva – Pós-graduação em Psicopedagogia pela Universidade Estadual de Londrina-UEL, Psicopedagoga da Universidade Norte do Paraná, no NAPP (Núcleo de Ação Psicopedagógica), prestando atendimento aos discentes com dificuldades de aprendizagem.

*Correspondência
Denise Miyabe da Silva
Rua Voluntários da Pátria, 633 – Jardim Andrade –
Londrina, PR, Brasil – CEP 86061-120
E-mail: demiyabe@yahoo.com.br*

INTRODUÇÃO

O ensino da linguagem escrita na escola tem permanecido "enjaulado" a práticas tradicionais, a mais conhecida de todas é o ensino da língua portuguesa em etapas.

A preocupação central dessa metodologia, tão utilizada na escola, tem sido colocada na ortografia e na gramática, deixando em segundo plano a construção e compreensão textual, principalmente quanto ao aspecto discursivo, um enfoque que tem gerado consequências sérias, como a transformação da escrita de objeto social em objeto escolar, tendo como reflexo produções textuais sem significado, apenas um amontoado de palavras no papel. Segundo Gonçalves¹, "*No dizer de Pécora, o que ocorre é que a escola, na sua trajetória histórica, falseia as condições de escrita e não fornece ao estudante as ferramentas de uma prática interativa da língua. [...] com esse falseamento, a escrita torna-se um exercício penoso que cristaliza o discurso. Exemplos disso são as frases-feitas, argumentos de senso comum que, frequentemente, aparecem em textos dos educandos.*"

Outra consequência foi evidenciada pela a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD²) 2009, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que revelou que o índice de analfabetos funcionais corresponde a 20,3% da população com mais de 15 anos.

Weisz³ ressalta a necessidade de "*admitir que nossa incapacidade para ensinar a ler e escrever tem sido responsável por um verdadeiro genocídio intelectual*". A autora alerta que nem sempre o professor sabe a diferença entre copiar e escrever e assim acaba promovendo o "bom copista" e retendo os que lêem e escrevem precariamente, o que explica porque tantos alunos chegam à 4ª série sem compreensão leitora de um texto simples e até mesmo sem saber escrever.

Os exames nacionais e internacionais que avaliam a Educação no Brasil (PISA⁴, Prova Brasil⁵) evidenciam a dificuldade que os alunos têm em produzir textos de qualidade e de compreender o que lêem. Uma das causas apontadas para esse fenômeno crescente é, para

muitos, a redação escolar ou produção de texto da maneira como vem sendo ensinada.

Diante desse contexto, a construção desta pesquisa foi motivada, em particular, por minhas experiências como educadora, principalmente pelos momentos de produção de texto junto aos alunos. Momentos em que, como mediadora, percebia que a maior dificuldade nem sempre era a forma do dizer, mas o próprio dizer.

Dessa forma, este estudo se propõe a refletir sobre a língua escrita para além da sua forma, debruçou-se sobre seu conteúdo, pois consideramos que os "erros" quanto a forma, conteúdo e contexto, cometidos por crianças que ainda estão na condição de aprendizes, são na verdade, "*preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem, registros de momentos em que a criança torna evidente a manipulação que faz da própria linguagem, história da relação com que ela (re) constrói ao começar a escrever/ler*" (Abaurre al.⁶).

Assim, foram analisadas as produções textuais de crianças da 4ª série do Ensino Fundamental, com o objetivo de avaliar a aprendizagem da linguagem escrita na escola e refletir sobre o papel mediador do professor no trabalho pedagógico com a escrita em sala de aula.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Este estudo se constitui como uma pesquisa sobre a produção escrita de crianças da 4ª série do ensino fundamental e do papel mediador do professor no trabalho pedagógico com a escrita em sala de aula.

As produções textuais analisadas são de crianças de 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública Municipal de Ensino de Rolândia, cidade localizada no norte do Paraná.

Para análise foram usados textos de 11 dos 20 alunos da 4ª série. A escolha dos textos foi aleatória. A análise então foi dividida em duas etapas, a primeira denominada "A escrita: Momentos Iniciais" e a Segunda, "A Escrita no Primeiro Semestre". Inicialmente, foram analisados os textos que faziam parte de uma avaliação solicitada aos professores pela Secre-

taria Municipal de Educação com a finalidade de verificar o nível de escrita dos alunos no início do ano escolar.

Em seguida, foi realizado um estudo longitudinal das produções escritas pelos alunos ao longo do primeiro semestre de 2009. Na segunda etapa, das 11 crianças ficaram apenas 10, pois uma delas se mudou.

As propostas de produção de texto feitas pela professora incluem, reescrita, biografia, leitura de imagens, texto coletivo, texto informativo, reprodução, narração e dissertação.

No total, foram coletados e analisados 97 textos de 11 alunos. Todos os textos foram produzidos em sala de aula durante o período de abril, maio e junho.

Neste trabalho, a abordagem de pesquisa escolhida foi a qualitativa interpretativa, dado o interesse de compreender como a escrita das crianças se manifesta na produção textual por meio de suas escolhas, conhecimento e no próprio dizer.

Esta pesquisa analisa as produções textuais através da perspectiva enunciativo-discursivo, que considera a linguagem escrita em sua relação com a história (conhecimento) e com a sociedade, com seus diversos usos e apropriações, o que permitiu compreender os sentidos produzidos pelo ensino escolar na interação com as condições socioculturais das crianças.

Assim, neste estudo, observaram-se dois momentos diferentes, o primeiro que evidencia o que a criança pode e sabe fazer com a escrita sem a interferência do professor e, o segundo, em que o professor faz a mediação através da "correção" das produções textuais.

ANÁLISE DO CORPUS

A análise das produções textuais no início do ano letivo permite verificar o que cada criança sabe sobre a linguagem escrita, além de revelar pontos que precisam ser trabalhados em sala de aula.

Os textos analisados neste estudo são "preciosos indícios" que dão pistas da relação sujeito e linguagem escrita ao longo do processo de aprendizagem e permitem observar não só o

que as crianças são capazes de produzir sem a interferência do professor, mas também as escolhas por determinados gêneros discursivos, suas hipóteses, dúvidas e idéias a respeito da escrita.

Transcrição e análise dos textos

Por se tratar de uma pesquisa de análise qualitativa extensa, aqui serão apresentados apenas os textos produzidos por 2 das 11 crianças, especificamente, parte do conjunto de textos de Gisele e Breno (os nomes das crianças foram mudados para proteger suas identidades).

Transcrição e análise dos textos de Gisele Texto 1

Para a produção deste texto, a professora deu aos alunos apenas o título: "O Deserto da Arábia". A escolha quanto ao melhor tipo de texto, sua finalidade e tudo o mais ficou a critério da criança.

O Deserto da Arábia

Num belo dia Arábia a rainha do deserto resolveu cassar o seu ouro que a anos enterrou.

Então muntou no seu camelo e foi cassar o seu ouro.

Arábia tentou achar seu ouro mas ela não achou. Arábia ficou dia e noite cassando seu ouro.

Passaram 3 dias Arábia voltou para casa pois ela estava esauستا.

Quando chegou na sua casa foi descansar.

A quele dia estava muito quente.

Arabia não sabia o que fazer então foi pasear La fora ficou um bom tempo paseando até que ela Arábia encontrou um X marcado no chão e começou a cavar então lá estava o ouro e contou para seus amigos e ela virou a rainha do dezerto mais popular.

Texto produzido em fevereiro de 2009

O gênero textual escolhido por Gisele foi narração, provavelmente por ser esse gênero discursivo algo que domine razoavelmente e esteja dentro de sua zona de conforto, principalmente por se tratar de uma proposta de produção com pouca orientação. Contudo,

logo a criança se complica, demonstra o pobre conhecimento que tem a respeito do tema solicitado. O deserto da Arábia se transforma em Arábia, a rainha do deserto.

Desde o início, percebemos que não há coerência na conduta da personagem principal que se mostra "burrinha", afinal, dificilmente alguém, ainda que fictício, é capaz de esquecer o local onde enterrou ouro, ainda mais se esse lugar for seu próprio quintal, que para completar estava sinalizado com um "X". Segundo Costa⁷, "*as ações, na prosa narrativa de ficção, têm que parecer verdadeiras, mesmo que elas não ocorram na realidade*".

Notamos, também, que a criança não tem um bom domínio do gênero, pois já no primeiro parágrafo, o qual usualmente serve para apresentação dos personagens e cenário, introduz o enredo e o desenvolve nos parágrafos seguintes emendando-o no desfecho.

Dentre os vários problemas apresentados, somam-se a repetição, erros ou alterações ortográficas de diferentes tipos (muntou, cassar, pasear, etc.), pontuação, etc.

Texto 2

Nesta atividade, a proposta era produzir um texto a partir da leitura de imagens compostas por quatro quadros (Figura 1), que retratavam atividades próprias dos índios, sendo que a organização da sequência dos quadros e a escolha do título ficavam a critério dos alunos. O tema "índios" foi escolhido pela proximidade da data comemorativa.

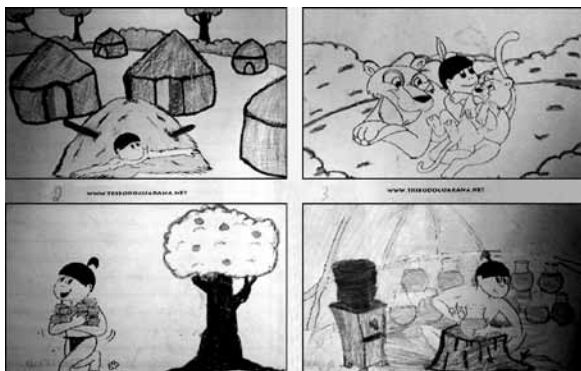


Figura 1 – Quadros apresentados aos alunos para produção do texto.

Canguri e seu animais

Lum belo dia ensolarado bem quente sem luvens no céu, Canguri um índio que estava com seus animais da floresta.

Então canguri foi até á floresta mais longe e buscou alguns maracujá.

Foi até sua cas de palha e começou fazer um suco porque na quele dia estava muito quente.

Canguri foi voltar para a outra floresta com seus amigos animais, mais pisou numa pedra que cigurava uma mader e a casa caiu mais ele não desanimou e voutou abrinca com seus animais.

Texto produzido em abril de 2009

No primeiro parágrafo, as orações não têm ligação, assim como algumas ações. Há momentos em que a leitura que faz da imagem demonstra a falta de domínio do código visual, como no segundo parágrafo, as frutas que o índio colheu eram maçãs e não maracujás. Apesar de Gisele não perder o fio condutor da história, sua leitura, às vezes, se mostra fragmentada, provavelmente devido à tênue ligação que faz entre os quadros.

Apresenta, ainda, problemas com progressão, aspectos gramaticais, erros e alterações ortográficas de diferentes tipos, pontuação, etc.

Texto 3

Nesta atividade, a professora dá o título: "Saúde pública confirma caso de transmissão do vírus" e as seguintes palavras: gripe suína, gripe A, vírus, hospital, mortos, contaminação, comércio, exterior, comercialização. A proposta era que as crianças, a partir das palavras dadas, produzissem um texto sobre a gripe A (H1N1), também conhecida como gripe suína.

Saúde Confirma casa de transmissão do vírus
A gripe suína pode causar uma grande causa gravel como pasar a gripe para o outro etc.

Quando pegamos a gripe suína temos que correr ao hospital se não estaremos no risco da morte.

Texto produzido em maio de 2009

Gisele desenvolveu o texto informativo em apenas dois parágrafos, o primeiro é redundante e óbvio, não traz nenhum dado novo a respeito da gripe A (H1N1). Na verdade, ao usar o etc., a trata como uma gripe comum, como se o leitor soubesse do que ela está falando. No segundo parágrafo, ao tentar usar a expressão "risco de morte", versão midiática alternativa a "risco de vida", acaba criando uma nova expressão "no risco da morte", que é claro tem uma conotação diferente.

De modo geral, notamos que os textos de Gisele têm certa fluência, tem um fio condutor, uma ideia central, mas também apresentam limitações quanto a coerência, recursos linguísticos, conjunções, tempo verbal, pontuação e, principalmente, no próprio dizer, sempre transparecendo um conteúdo empobrecido e de senso comum.

Transcrição e análise dos textos de Breno

Texto 1

O deserto da Arábia

Num dia musinto quente estava passando no deserto encontrei um camelo eu tentei pega o camelo mais não consegui andei mais upouco encontrei outro camelo tentei pegar mas não concegui eu estva com nuita sede, elonge eu vi um riu, fuicorrendo peresebi uma miragem.

Texto produzido em fevereiro de 2009

Breno produziu um texto narrativo, desenvolveu sua história em apenas um parágrafo, o qual iniciou com letra minúscula. Seu texto apresenta uma estrutura típica de uma narração, introduz os personagens e o contexto, estabelece os fatos numa sucessão com começo, meio e fim, porém, talvez por não compreender o significado de parágrafo, não o vemos demarcado, provavelmente por causa da maneira errônea com que a noção de parágrafo vem sendo ensinada na escola. Não é incomum professores lembrarem seus alunos do parágrafo explicando-o como sendo "deixar espaço depois da margem". Breno ainda não compreende o parágrafo como sendo uma unidade de discurso formada por

uma sequência de frases, sendo que um novo parágrafo deve ser iniciado quando se muda de assunto, no caso da narração, quando mudam os acontecimentos, as ações, etc.

O texto tem coerência, contudo algumas ideias não foram bem exploradas. Por exemplo, "*num dia musinto quente estava passando no deserto encontrei um camelo eu tentei pegar o camelo*". O leitor pode se perguntar "por que ele estava passando pelo deserto? De onde ele vinha? E ainda em outro momento do texto aparece, "*eu estava com muita sede, e longe eu vi um riu, fuicorrendo peresebi uma miragem*". Outra ideia pouco explorada e novamente os questionamentos, o que acontece com o personagem? Morre de sede? É resgatado?

Nesse texto faltam elementos de coesão, conectivos de discurso que estabeleceriam ligação de uma frase a outra, produzindo o encadeamento semântico, como em "*fuicorrendo peresebi una miragem*".

Resumindo, seu texto tem coerência, faz sentido, mas também apresenta limitações quanto a pontuação, ortografia, vocabulário e gramática, além de demonstrar que sua escrita tem forte influência da oralidade.

Texto 2

Nessa atividade, a professora propôs a reprodução da história "E era onça mesmo" de Monteiro Lobato, após ter trabalhado com o texto.

E era onça mesmo

O rabico estava andando pela floresta e viu umas pegadas garndes.

Depois foi corendo para avisar para o Pedrinho.

Então o Pedrinho tefé um palno de ir casar a omça es comdida do duas velinhas.

Entan ele foi calanando.

Texto produzido em maio de 2009

A reprodução, segundo Condemarín e Chadwick⁸, requer que se escreva o substancial do conteúdo, mobiliza e desenvolve a memória, a habilidade de sintetizar, de verbalizar para si mesmo, de reformular e de se expressar pela escrita.

Breno selecionou algumas ideias principais, porém deixou de fora outras importantes, como o que aconteceu com Pedrinho? Não soube relacionar as ideias do autor com suas próprias palavras, perdendo por vezes a essência de algumas ideias, além de não se prender a nenhum detalhe.

Texto 3

A professora solicitou esta produção após as atividades realizadas no Dia do Desafio.

O dia do desafio

Fonos para Pasa carlo Branco

Cheganos la e Bincanos

E depois fena para Escola

Texto produzido em junho de 2009

Breno desenvolveu o texto em apenas três linhas. Percebe-se que ele não compreendeu o significado do Dia do Desafio, de forma que contou, em poucas palavras, o que fez nesse dia e não o que o mesmo representa.

Analisando o conjunto de textos de Breno compreendemos a difícil relação que tem com a linguagem escrita. Para ele escrever parece ser algo penoso, até mesmo as situações de cópia. Em suas produções textuais, não apresenta a estrutura própria de cada gênero, não sabe utilizar os tempos verbais, faz uso excessivo de pronomes pessoais e sujeitos explícitos, sua escrita continua apresentando forte influência da oralidade, além de um repertório de conectivos bastante limitado.

Do primeiro texto produzido no começo do ano até esse momento não se nota mudança na maneira com que Breno manipula a escrita, pois continua a desenvolver suas produções em poucas linhas, sem explorar suas ideias. É bem provável que chegue ao final do ano letivo produzindo textos em apenas algumas linhas.

O que revelam os textos

Estes textos apresentam dificuldades próprias de escritores iniciantes que não se vêem como autores, não percebem a produção textual como um processo que deve ser

monitorado por eles, e não somente pela professora, mas se dão por satisfeitos com uma única versão de seus textos, o qual entendem como produto final.

De modo geral, todas as crianças demonstraram, nas atividades de leitura de imagens, predominância da leitura pontual e descritiva, quadro a quadro, quando na verdade as ilustrações, para as crianças desta série, já deveriam ser vistas como "janelas", inspirando-as a dar vida às cenas, tendo em mente o conjunto da narrativa.

Apresentam uma sequência de ideias e acontecimentos bastante confusa; não produzem ligação entre um assunto e outro; misturam os tipos e gêneros textuais; fazem uso excessivo de conjunções e sujeitos explícitos; têm um repertório bastante limitado; controlam a produção no nível da frase, apresentando grande dificuldade em pensar no todo, na macroestrutura, além da total ausência de planejamento e pobreza de recursos linguísticos.

Percebe-se que não aconteceu nenhuma grande e significativa mudança nos textos dos alunos, do começo do ano letivo até este momento, mesmo após a ação intermediativa do professor. Provavelmente, por não ser também a sua ação significativa e direcionada a auxiliar as crianças a superarem suas dificuldades objetivando uma melhora qualitativa de suas produções.

A quase ausência da tarefa de reescrita, com exceção a um dos textos de Gisele, e a falta de revisão pelo próprio aluno, demonstra que essa não é uma solicitação comum por parte do professor, de modo que as situações de revisão se limitam a correções ortográficas decorrentes das intervenções diretas da professora nos momentos de correção. Segundo Souza e Osório⁹, *"a natureza da intervenção que o professor realiza, na produção textual do aluno, tem relação direta com a maior ou menor qualidade desse produto. Portanto, essa ação do professor não tem um fim em si mesma, mas só adquire significação se conduz o aluno à reescrita de seu texto com o objetivo de buscar uma escrita qualitativamente melhor"*.

A ausência da prática da revisão orientada e reescrita dos textos que analisamos, como uma das etapas da produção textual, faz com que uma pergunta ecoe em nossas mentes. Reescrevendo, o que mudaria?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas encontrados nas produções de textos analisadas neste estudo vão além dos aspectos notacionais e discursivos. Estão também no próprio dizer, ou seja, no conteúdo, no conhecimento de mundo empobrecido, o que demonstra a ausência de bens culturais para além da mídia.

Assim, compreendemos que a escrita, enquanto objeto escolar, aprisiona a mente das crianças. O despreparo e, conseqüentemente, a incapacidade dos professores de ensinar "*tem sido responsável por um verdadeiro genocídio intelectual*"³. Dessa forma, no trabalho pedagógico com a escrita, a escola não tem assegurado aos alunos o domínio eficiente da linguagem escrita, o que nos levou a refletir e repensar o papel da escola e do professor mediador no ensino da linguagem escrita.

O papel da escola no ensino da escrita envolve grandes responsabilidades, sendo a maior e mais importante delas dar às crianças as ferramentas necessárias para utilizar a linguagem escrita em sua completude e concretude. Espera-se que durante o processo de ensino-aprendizagem da escrita na escola a criança saia da posição de "bom copista" e reproduzidor de frases feitas, para se transformar em autor, por meio de uma metodologia que explore a linguagem escrita em sua totalidade e em seu uso real, numa concepção dialógica e interacionista.

Nesta perspectiva, o professor mediador é aquele que está preparado para trazer a reflexão e a compreensão dos diversos gêneros textuais e sua construção, a fim de formar escritores capazes de expressar pela escrita suas intenções, sentimentos, necessidades e tudo o mais, com autonomia, pois "*ao instituir uma prática intersubjetiva, através de uma prática pedagógica que leve em conta a reflexão, será*

possível resgatar um discurso mais pessoal, mais autêntico de nossos sujeitos"¹. Para tanto, deve ter bem claro o propósito de que e para que são solicitadas as produções textuais, assim como as formas de correção, pois a prática pedagógica de tal professor implica utilizar de uma estratégia de correção que vá além da indicação de erros ou resolução dos mesmos para o aluno, deixando-o apenas com a tarefa de copista. Pressupõe uma estratégia que indica a causa do erro, evidenciando assim o processo e não o produto.

Sendo assim, a avaliação contínua do conhecimento dos alunos e do trabalho do professor são indispensáveis para nortear o plano de ação docente. A experiência e história de vida, o nível socioeconômico cultural e os conhecimentos trazidos pelos alunos são bases importantes para o trabalho pedagógico. O trabalho pedagógico deve agir a partir de e sobre esta "bagagem" das crianças, de maneira que venha preencher as "lacunas conceituais" e fornecer elementos, conhecimentos intelectuais, científicos e culturais, a fim de ajudá-las a reelaborarem o seu conhecimento e elaborar um novo repertório, mais amplo e mais intelectualizado, que sirva a elas não só para uso eficaz da escrita enquanto objeto social, mas também como instrumento de acesso autônomo na participação no mundo letrado.

Na atual conjuntura, nem todos os professores estão preparados para tal trabalho com a escrita em sala de aula. É possível recorrer a uma diversidade de fatores para explicar a falta de preparo do professor para atuar como mediador no trabalho pedagógico com a escrita em sala de aula. Por isso, é importante destacar o papel do psicopedagogo na escola, o de assessor psicopedagógico, que desempenha sua ação junto aos professores, no sentido de auxiliá-los e orientá-los no trabalho com a escrita em sala de aula, desde a análise interpretativa e qualitativa das produções das crianças, a fim de promover práticas metodológicas significativas, de acordo com as dificuldades que as turmas apresentam, até a construção de um espaço que permita a reflexão sobre a linguagem escrita, oferecendo, assim, condições adequadas para uma aprendizagem significativa.

Esses objetivos, no entanto, não serão alcançados do dia para noite, exigem do psicopedagogo e do professor muita persistência, já que a criança acostumou-se a esperar que seus textos sejam corrigidos e monitorados pelo professor, até porque as situações de escrita na escola não têm sido para fins sociais e sim para serem corrigidas.

Desenvolver um trabalho real e significativo

com a escrita tem se mostrado um desafio, já que a escola tem produzido analfabetos funcionais em massa. Isso denuncia que os problemas de "ensinagem" têm alcançado os altos níveis da Educação e nos leva a compreender que o trabalho com a linguagem escrita não pode mais se restringir à forma de dizer, mas deve provocar mudanças no próprio dizer, e isto exige uma mudança na concepção de ensino da linguagem escrita.

SUMMARY

Literal production: when the written language becomes school object

Introduction: The present work analyzes, through longitudinal research, the literal production of 4th grade children of elementary school of a public school in Rolandia city. **Objective:** The objective to evaluate the learning skill of written language in the school and to reflect on the role of the mediating teacher in this process. **Methods:** It was analyzed the first texts of the school year with the purpose to verify the level on the writing skill of the students. It was part of a request from the City Board of education to the teachers at the public school. The analysis of the texts continued during April, May until June, to verify if it had changes in the writing skill of the children through the mediation of the teacher. **Conclusion:** The research allowed to conclude that almost haven't mediation of teacher in the work of writing of texts in the classroom. To obtain a qualitative improvement in the literal production, it is necessary to make changes in the conception of teaching in the written language.

KEY WORDS: Writing. Language arts. Learning.

REFERÊNCIAS

1. Gonçalves AV. A produção de texto numa perspectiva dialógica. PLURAL: Revista da Academia Araçatubense de Letras, Araçatuba 2000.
2. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 5/3/2009.
3. Weisz T. A saída é a formação do professor alfabetizador. Revista Nova Escola. Editora Abril, Edição Especial n.22, p.17, mar/2009.
4. Programa Internacional de Alunos – PISA, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP/MEC. Disponível em: < <http://www.inep.gov.br/internacional/pisa/novo>>. Acesso em: 5/3/2009
5. Prova Brasil, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP/MEC. Disponível em: <<http://www.provabrasil.inep.gov.br>>. Acesso em 03/2009.
6. Abaurre MBM, Fiad RS, Mayrink-Sabison MLT. Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras;1997.
7. Costa PG. Roteiro de Análise de Narrativas. Faculdade Fortium, 2008. Disponível em: <<http://www.fortium.com.br>> Acesso em: 01/07/2009.
8. Condemarin M, Chadwick M. A escrita criativa e formal. Porto Alegre: Artes Médicas;1987.
9. Souza TB, Osório AMN. A mediação pedagógica na produção de texto: um diálogo possível e necessário. In: ANPED, 26, Poços de Caldas, 2003. Disponível em:<<http://www.anped.org.br/reunioes/26/inicio.htm>>. Acesso em: 1/8/2009.

Trabalho realizado na Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, PR, Brasil, derivado de monografia da autora apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicopedagogia, realizado sob orientação de Rosa Maria Junqueira Scicchitano.

*Artigo recebido: 5/9/2010
Aprovado: 21/10/2010*